

## Atletismos

Pedro Xavier Russo Bonetto

O trabalho aqui descrito aconteceu com duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental na EMEF Olavo Pezzotti, localizada no bairro da Vila Madalena, em São Paulo, no ano de 2019.

Nos períodos letivos anteriores tínhamos tematizado funk e jiu-jítsu. Havia desde o início do ano uma solicitação muito grande por parte de algumas pessoas da turma para que abordássemos esportes. Na ocasião aconteciam os Jogos Pan-americanos de Lima, no Peru, e muitos alunos e alunas estavam comentando esportes pouco presentes no cotidiano, mas que viam na TV. Sendo assim, comecei mapeando com os/as estudantes quais esportes estavam assistindo no Pan-americano, os que gostariam de aprender, aqueles que achavam mais difícil, quais eles tinham apenas visto no Pan-americano e que nunca viram pessoalmente, quais eles achavam que poderíamos fazer na escola.

Muitos comentaram sobre o esporte “corrida”, dizendo que gostavam muito, mas que não conheciam bem as regras. Outros citaram judô, handebol, vôlei e futebol, mas foram muito assertivos quando propuseram outras práticas, visto que as citadas tiveram a oportunidade de experimentá-las tanto na escola, quanto nos projetos que frequentavam no contraturno. Outro fator que contribuiu na escolha do atletismo foi uma conversa que tivemos com alguns alunos e alunas que não quiseram vivenciar o funk ou o jiu-jítsu. Nessa avaliação, os/as estudantes disseram que não gostavam tanto de dança nem de luta, mas conseguiram aprender algumas coisas apenas observando e que agora estavam bastante dispostos a vivenciar as práticas corporais, sobretudo se a escolha fosse “corrida”. Importante dizer que eles não foram mal avaliados na experiência curricular anterior, pois envolveram-se com os temas de outras formas para além da vivência. A preocupação, desta vez, era mesmo oportunizar uma experiência mais complexa, com a devida realização da prática.

Assim, com a indicação destes/as estudantes, foi fácil definir o atletismo como tema. Já nas primeiras atividades, solicitei que os alunos e alunas demonstrassem quais provas conheciam. Pedi que falassem das regras e sobre o que tinham visto na televisão sobre o atletismo no Pan-americano. Muitos/as nem sabiam o nome do esporte, todos/as chamavam de “corrida”, outros/as sabiam poucas provas, mas se confundiam muito, por exemplo quando perguntavam se natação e ciclismo era atletismo.

Na quadra, começaram a mostrar competições de um lado para o outro, às vezes, ida e volta no pátio externo. Percebemos que depois que corriam falavam que eram o *Usain Bolt*. Nas aulas seguintes, apresentei aos/às estudantes as provas oficiais mais curtas, 100 metros e 200 metros. Para termos uma ideia da distância, usamos a trena, medimos e observamos que o pátio tinha apenas 50 metros. A atividade então era fazer os 100 metros e depois provas de 200 metros indo e voltando 4 vezes. Neste momento inicial nem todos/as participaram, sobretudo, as meninas.

Nas aulas subsequentes, as meninas quiseram participar e começaram a propor corridas entre elas. Não demorou para que incluíssem alguns meninos nas disputas. Também não demorou para que um aluno sugerisse uma prova de revezamento. Nesse dia fizemos a prática exatamente da maneira que eles e elas indicaram. Era ida e volta em duplas e o revezamento era feito batendo na mão do/a parceiro/a.

Na aula seguinte, perguntei aos/às estudantes se conheciam outros/as atletas além do *Usain Bolt*. Mas ninguém soube citar um nome sequer. Pensando em conhecer melhor as provas que tínhamos vivenciado, exibi vídeos de provas de 100 metros, 200 metros, revezamento 4x100 metros. Fiz questão de incluir provas com o *Usain Bolt*, provas femininas, amadoras e provas que a equipe brasileira teve um bom resultado. O intuito era apresentar o esporte em suas diferentes formas e níveis de competição. Os/As estudantes gostaram muito e fizeram vários comentários. Um menino disse: “*Vixi*, não quero fazer atletismo, eu sou gordo e não corro rápido”. No fim desta aula, comentei que no atletismo existem várias formas de competir, elas se chamam “provas”, nalgumas delas é preciso ser muito rápido, noutras é preciso ser forte e realizar o movimento com muita técnica. Sem tempo neste dia, não conseguimos ver essas outras provas.

Na aula seguinte propus aos alunos e alunas que fossem correr na praça que existe perto da escola porque lá seria possível correr 100 metros direto, ou seja, sem fazer ida e volta. Mostrei que no momento de mudar de direção o atleta precisa diminuir a velocidade, parar e acelerar novamente no outro sentido, e que isso descaracterizava a forma tal como ela acontece oficialmente. Nesse dia também usamos bastões feitos de pedaços de cabo de vassoura, na prova de revezamento. Expliquei sobre tentar passar o bastão sem parar, e que o atleta deve recebê-lo numa área específica e pode iniciar a corrida mesmo antes do parceiro/a chegar. O desafio de passar o bastão em movimento foi muito interessante para a turma, houve muita disputa e participação.

Foram muitas aulas vivenciando e experimentando as provas rápidas, em especial, o revezamento devido à passagem de bastão. Até um dia que um aluno comentou que

tinha visto na televisão que um atleta brasileiro, “bem gordão e fortão”, tinha ganhado medalha de ouro no Pan-americano de Lima. Expliquei aos/às estudantes que se tratava do atleta Darlan Romani, arremessador de peso. Buscando recuperar a fala de um estudante, que na ocasião havia dito que não iria fazer atletismo porque era gordo, descrevi outras provas de atletismo que exigem corpos grandes, fortes, altos, muito diferente das provas de velocidade.

Comentei que o atleta profissional do arremesso de peso precisa ser muito forte e que não necessariamente precisava ter pouca gordura no corpo, já os/as atletas de salto precisam ser rápidos e magros. Por fim, disse que na escola, o intuito era experimentar a prática, se possível experimentar o esporte, aprender sobre os gestos, conhecer mais sobre o atletismo como um artefato cultural, além de se divertir, deixar-se envolver pela prática, etc., e que assim, qualquer um poderia realizar. Os/as alunos/as se empolgaram, quiseram praticar e ficaram muito interessados/as em conhecer mais sobre o arremesso de peso. Nesse dia, pesquisamos na internet pelo celular, vimos que a área circular tem aproximadamente 2 metros de diâmetro, desenhamos no chão com giz e fizemos os arremessos usando bolas de *medicineball* 2 e 3 quilogramas.

**Fotografia 1.** Aluno vivenciando a prova de arremesso de peso.



Fonte: Imagem do autor.

Muitas pessoas se envolveram na atividade, fosse arremessando, fosse medindo a distância dos arremessos ou ainda corrigindo e incentivando os/as colegas. Na aula seguinte fomos novamente à sala de aula e assistimos vídeos exibidos com um computador e um projetor. Assistimos a provas de arremesso de peso, lançamento de dardo, disco e martelo. Novamente incluindo competições amadoras, treinos, mulheres e atletas profissionais.

**Fotografia 2.** Aluno/as assistindo vídeos do atletismo.



Fonte: Imagem do autor.

Poucos/as estudantes conheciam as provas, alguns já tinham visto pela televisão, mas não sabiam as regras. Depois que assistimos, disseram coisas como “não é tudo corrida mesmo”, “nem sabia que isso aqui era atletismo”, “o gordão é muito forte”, “olha o tamanho do braço dele, você é louco! “essa mulher joga mais longe que você professor”.

Nessa turma tínhamos muitos alunos e alunas com deficiência, todos eles participam bastante das aulas. Mas em uma semana específica, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) indicou que os professores e professoras de todas as disciplinas deveriam tematizar questões relacionadas à inclusão, educação especial e pessoas com deficiência. Foi então que na chamada “Semana da diferença e inclusão na SME” pensamos na tematização das provas de atletismo adaptadas para pessoas com deficiência. Eu costumo sempre apresentar as diferentes práticas corporais sendo praticadas por diversos grupos e pessoas (mulheres, amadores/as, profissionais, crianças, práticas na rua, treinos, e diferentes locais como areia, indoor, entre outras), inclusive práticas de pessoas com deficiência, mas percebi que até o momento não havia exibido nenhuma forma adaptada do atletismo.

Voltando à sala de aula, desta vez, exibimos vídeos de atletismo adaptado, dentre eles, provas de 100 metros, 200 metros e corridas de longa distância com guias. Vimos também arremesso de peso e lançamento de dardo para usuários de cadeiras de roda (alguns amputados). Os/as estudantes gostaram muito, torciam para o/a atleta mesmo sabendo que não era um vídeo ao vivo, comentavam sobre adaptações, regras e ficaram muito impressionados com a capacidade de realizar as provas em condições mais difíceis.

**Fotografia 3.** Vídeo exibido de uma prova de 400 metros adaptado (T11- deficientes visuais)



Fonte: Imagem da internet

Na quadra, começamos tais atividades imitando os gestos e regras que tínhamos visto nos vídeos. Arrumamos vendas, cordas e barbantes e tentamos uma corrida de curta distância com uma pessoa vendada e outra como guia. No mesmo dia que pensei a atividade de corrida simulando adaptação para pessoas com deficiência visual, fiquei em dúvida se tal atividade não romantizava, “folclorizava” a deficiência e a prática adaptada. Comentamos com os alunos e alunas sobre essa dúvida e o problema de atividades que apenas simulam uma condição de deficiência.

Deixamos claro que era uma tentativa de sensibilização, mas que poderia ser uma atividade pedagógica arriscada, ao sugerir que vendar os olhos é o mesmo que ser cego. Os/as alunos/as compreenderam a dúvida, conversamos sobre essa questão, mas resolvemos fazer mesmo assim.

Um lance legal foi que as atividades ainda que divertidas convocaram a turma a pensar questões mais relevantes, ligadas à dificuldade em relação à deficiência. Perguntaram: “como eles conseguem correr sem enxergar nada? É impossível!”, “Nossa, ser cego deve ser fod@”, “eu não queria ser cego *nem a pau*”, “eu conheço um homem cego na minha rua que faz tudo sozinho”, “nem sabia que cego podia andar sem bengala”, “é difícil confiar no outro que está guiando”.

**Fotografia 4.** Atividade simulando o atletismo adaptado para deficientes visuais.



Fonte: Imagem do autor.

Muitos alunos e alunas participaram da corrida, outros ficaram empolgados torcendo. Em certo momento, alguns estudantes começaram a guiar os colegas propositalmente para a parede. Um deles acabou trombando e quase se machucou. Não pudemos dar um tratamento adequado ao que foi observado, apenas disse que essa relação de confiança entre quem não enxerga e seu guia parece ser algo muito importante e que alguns ali ainda não estavam entendendo a necessidade desta afinidade.

Na aula seguinte, fizemos outra atividade voltada para a tematização do atletismo adaptado, desta vez uma simulação do arremesso de peso e lançamento de dardo para pessoas amputadas ou usuárias de cadeira de rodas. A sugestão partiu de uma aluna que se baseou nos vídeos que o professor tinha exibido tempos atrás. Os alunos e alunas ficaram interessados em como esses atletas eram amarrados (fixados) nos bancos de apoio e como conseguiam fazer o arremesso. Durante a atividade alguns sugeriram amarrar as pessoas na cadeira, o que nos levou a utilizar faixas de quimono.

**Fotografia 5.** Atividade simulando a prova de arremesso de peso adaptado.



Fonte: Imagem do autor.

Depois de vivenciar bastante tais provas do atletismo, nas semanas seguintes começamos a estudar algumas provas que ainda não tínhamos feito. Corrida com barreira, lançamento de dardo (sem adaptações), salto triplo e até salto em altura.

**Fotografia 6.** Aluno experimentando a prova de lançamento de dardo.



Fonte: Imagem do autor.

Em uma das aulas um aluno perguntou: “professor você não vai passar pra gente aquele esporte de saltar mais alto?” Feliz pelo interesse, conversei sobre a falta de colchões, materiais adequados para atletismo e o risco de acidentes com saltos em colchões muito finos. Os alunos e alunas sempre me ajudam a buscar os materiais na sala de Educação Física, por isso sabiam que na escola tinha alguns colchonetes, varas de alumínio, entre outros materiais. Foi quando disseram que fariam “os esquemas”.

**Fotografia 7.** Aluno experimentando a prova de salto em altura.



Fonte: Imagem do autor.

Eis que durante as aulas, uma das alunas estava tirando fotos com o celular a meu pedido. Ela não só tirou algumas fotos, imprimiu e levou para os colegas verem. Eles adoraram se ver nas imagens mesmo apenas pelo celular, pois a tentativa dos alunos fotógrafos era de capturar o momento exato que as pessoas estavam saltando.

**Fotografia 8.** Vivência da prova de corrida com barreiras (usamos cones e até cadeiras).



Fonte: Imagem do autor.

Com tantas imagens legais, sugeri que a turma pensasse algum tipo de registro das aulas que pudéssemos utilizar as fotos. A ideia original era criar vídeos, postar na internet. Depois um aluno propôs que fizessemos uma revistinha. A sugestão foi bem aceita e começamos a nos organizar.

**Fotografia 9.** Amostra de uma parte da revistinha de atletismo da turma B.

Salto em distância é uma prova de atletismo onde os participantes comemoram uma novidade e correm para saltar o maior comprimento possível sem passar de uma determinada marcação no chão.

Cada atleta tem direito a 6 tentativas, de onde costar para pagar um impulso sem passar da marcação caso passe dessa marca, o salto é considerado anulada.

o primeiro campeão olímpico da prova foi o norte-americano Elmer Clark e a primeira campeã a húngara Olga Gyarmati.

o recorde mundial pertence desde 1991 ao norte-americano Mike Powell - 8,95m - e entre as mulheres é da soviética Galina Gintskera - 7,52m - desde 1988.

**Melhores marcas mundiais:**

Homens:		Mulheres:	
Posição	Distância	Posição	Distância
1	8,95 m	10	7,44 m
5	8,76 m	1	7,52 m

Atleta: Data Local  
Mike Powell 30.03.1991 Toquios  
Galina Gintskera 24.06.1988 Leningrado

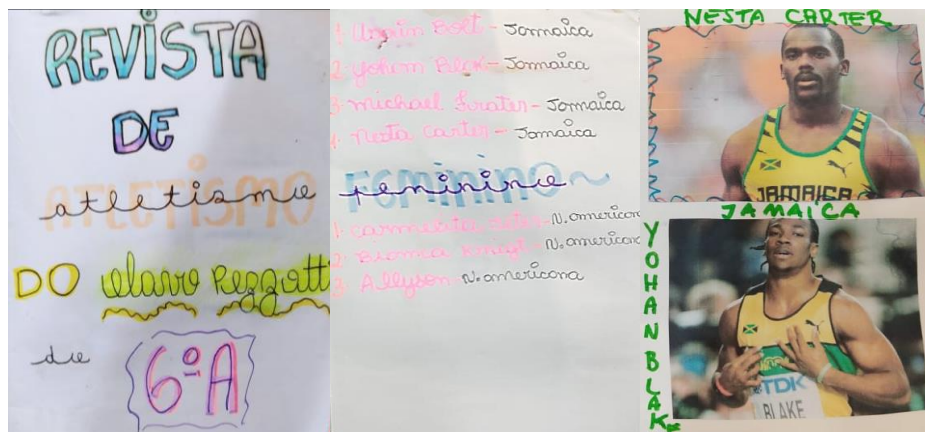
Atleta: Data Local  
Heike Dreier 22.09.1989 Berlim  
Galina Gintskera 11.06.1988 Leningrado

Fonte: Imagem do autor.



Organizados em trios ou duplas, cada qual escolheu uma prova do atletismo para pesquisar a origem, regras, curiosidades, materiais, recordes, atletas etc. Com a ajuda do professor da sala de informática, os/as estudantes fizeram garimparam informações importantes.

**Fotografia 10.** Amostra de uma parte da revistinha de atletismo da turma A.



Fonte: Imagem do autor.

Pensamos em colocar os resultados junto a fotos e desenhos. Nesse processo rascunhamos uma revistinha por páginas, em que cada grupo ficaria responsável e depois juntaríamos tudo. Nas aulas subsequentes, começamos mostrando como a revistinha estava ficando conforme íamos compondo-a com as páginas dos grupos. Em determinado momento, perguntei o que notavam sobre as provas que tínhamos desenhado e pesquisado. Muito rapidamente, disseram que não tínhamos desenhado provas adaptadas para pessoas com deficiência. Perguntei sobre o corpo dos desenhos que eles fizeram, também identificaram que tinham desenhado apenas pessoas “normais”, sem deficiência.

Foi então que ampliamos a discussão com vídeos e fotos de atletas com diferentes deficiências e as chamadas “classes” do esporte paralímpico. Discutimos bastante sobre tais diferenças, tentando focar na potencialidade desses corpos, não nas limitações ou em uma suposta superação de dificuldades. Essa atividade reverberou nos registros das revistinhas.

**Fotografia 11.** Revistinha de atletismo das turmas com conteúdos sobre o atletismo paralímpico.



Fonte: Imagem do autor.

Assistimos novamente provas de atletismo adaptado que ainda não conhecíamos, falamos sobre salto em altura para amputados, cadeira de corrida, lançamento de dardo para pessoas com nanismo, corrida de 100 metros e 200 metros, arremesso de peso ou lançamento de disco para pessoas com deficiências físicas (t43 - uma amputação e t44 - duas amputações). Problematizamos a ideia de “normal”, alguns falaram sobre não ser certo usar o termo “deficiência” Não soube explicar as razões, mas disse que o pouco que sabia, o termo mais adequado era mesmo “deficiência”.

Em certo momento, conseguimos organizar uma atividade pedagógica na pista de atletismo do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP). Por falta de transporte escolar mais adequado, decidimos ir de ônibus de linha, acompanhados por alguns estagiários e uma professora da EMEF.

**Fotografia 12.** Usando o transporte público para visitar o local da prática



Fonte: Imagem do autor.

Lá conseguimos pisar, correr, brincar na pista semiprofissional. Vimos as raias, o piso emborrachado, os blocos de saída e fizemos várias provas.

**Fotografia 13.** Vivência da corrida nas raias da pista



Fonte: Imagem do autor.

Conhecemos os implementos das provas (dardo, peso, martelo, bastão), bem como os locais utilizados por cada prova, como a gaiola de lançamento, poço de areia dos saltos e o espaço para arremesso de peso.

**Fotografia 14.** Aluno experimentando a prova de arremesso de peso



Fonte: Imagem do autor.

Conseguimos assistir ao treino de um atleta universitário *master*. Não demorou, os estudantes começaram a conversar com ele, pedir conselhos, perguntar sobre sua vida,

os treinos e as provas de atletismo. Os meninos gostaram da sapatilha dele com pregos, disseram que parecia muito as de futebol. Assistiram aos seus saltos, , bateram palmas e vibraram.

**Fotografia 15.** Demonstração da estagiária Ana do lançamento de dardo.



Fonte: Imagem do autor.

Uma das estagiárias partilhou os conhecimentos que possuía sobre o atletismo com os alunos e alunas. Ela demonstrou os gestos utilizados nas competições e auxiliou aqueles/as que tinham dificuldade. Os/as alunos/as adoraram as atividades na pista, disseram, por exemplo, que a pista é muito maior do que imaginavam e que o dardo era gigante, igual a uma lança.

**Fotografia 16.** Alunos/as manipulando o dardo antes de lançar.



Fonte: Imagem do autor.

Levamos quatro crianças com deficiência no passeio, foi muito interessante percebê-las fazendo as provas, tentando reproduzir os gestos. Um relato importante desse dia foi sobre uma das crianças com deficiência, que tem o costume de correr continuamente pela escola. No passeio, ela pôde correr bastante, o espaço era tão grande, mais a excitação do lugar diferente, acabaram gerando quatro convulsões e algumas quedas. Na primeira, todos nós nos assustamos, etc. Depois, soubemos por orientação da família que as crises eram relativamente comuns, então não precisávamos nos preocupar muito. Ajudávamos e logo que passava a crise, ela melhorava e continuávamos com as atividades previstas.

**Fotografia 17.** Aluno vivenciando as provas com barreiras



Fonte: Imagem do autor.

Na volta à escola avaliamos a visita pedagógica. Fizemos uma roda de conversa onde quem foi contou para os colegas que não puderam ir o que aprenderam. Fizemos registros, considerando o conhecimento que eles e elas acessaram sobre as regras, formas de competir, técnicas, estratégias, descrição das experiências com a prática, etc. Percebemos que o grupo dispunha de vários conhecimentos sobre o atletismo.

Refizemos algumas provas, explicamos para quem não foi ao CEPEUSP sobre os pés e a largada do bloco de saída. A professora que nos acompanhou relatou que os responsáveis pelas crianças com deficiência agradeceram a oportunidade. Disseram que em muitos anos, em várias atividades (denominadas extracurriculares) as crianças não eram chamadas. Senti-me mal com essa informação, para mim, algo tão trivial, o direito dos/as estudantes e dever dos professores/as e da escola. Não há o que agradecer. Todavia, também disseram que as crianças conseguiram de alguma forma expressar que tinham

gostado da experiência. Para em diversificar ainda mais os conhecimentos acerca do atletismo, pensei que seria de grande importância convidar o professor Natalício (*Senhor Natal*), colega de trabalho em outra instituição que era atleta de maratona e já tinha participado de provas em vários países. Já na semana seguinte, ele esteve na escola e conversou com as duas turmas sobre atletismo, especialmente a maratona, contando em detalhes a sua história no esporte.

**Fotografia 18.** Palestra com o *Senhor Natal*.



Fonte: Imagem do autor.

Foram muitos assuntos e histórias, por exemplo, quando pediu dinheiro emprestado para amigos para correr a maratona de Nova Iorque, sobre o frio, as amizades, as diferentes culturas e países que conheceu por meio das provas de maratona.

**Fotografia 19.** *Senhor Natal* falando sobre atletismo com as turmas.



Fonte: Imagem do autor.

Os/as estudantes adoraram as histórias, fizeram muitas perguntas, ficaram muito impressionados com a quantidade de medalhas, as experiências de correr, treinar e das lesões que sofreu. Certamente, uma das coisas que mais chamou a atenção dos/as estudantes foi a idade do nosso convidado. Muitos esperavam um atleta jovem, magro e forte. Ele demonstrou realmente ser tudo isso, mas com 74 anos. Quando viram as medalhas, as crianças acharam que ele tinha vencido, ou seja, chegado nas primeiras colocações. O *Senhor Natal* explicou que ele era atleta amador, que sua meta era correr e terminar a prova com o menor tempo possível, mas a referência era ele próprio. Explicou que todos que terminam a prova recebem a medalha.

**Fotografia 20.** Slide apresentado pelo *Senhor Natal* com as medalhas que ganhou.



Fonte: Imagem do autor.

Encaminhando para o fim da experiência curricular de quase um semestre e meio tematizando atletismo, já tínhamos as revistinhas prontas, os registros fotográficos, fizemos uma roda de conversa, alguns/algumas perguntaram sobre regras, tiraram dúvidas, disseram um pouco do que aprenderam, o que mais gostaram, as provas que acharam mais fáceis ou difíceis, lembraram dos muitos momentos que viveram. É impressionante notar a dificuldade de expressar em palavras tudo que foi experimentado, as sensações boas, ruins, as frustrações e tudo que envolveu a experiência com o atletismo: “antes eu não sabia o que era atletismo, achava que era só correr”, “aprendi que tem várias provas, não só corrida”, “aprendi que é um esporte antigo, com várias formas de competir”, “aprendi que tem vários corpos, vários atletismos”. Essa última fala inspirou o título deste relato.

Já nas últimas semanas do ano letivo, eis que surgiu a possibilidade de usar um ônibus contratado pela Secretaria Municipal de Educação para realização de atividades externas. Como já tínhamos ido ao CEPEUSP, procuramos outro espaço. Desta vez, o contato com o professor e técnico de atletismo adaptado, Benílson Pereira, do clube Espéria, possibilitou conhecer o clube, a pista e o treino.

**Fotografia 21.** Aluno experimentando a Petra (bicicleta adaptada) sob a orientação do técnico Benílson.



Fonte: Imagem do autor.

Novamente, a turma inteira foi convidada, mas como era época de encerramento das aulas nem todos/as conseguiram ir.

**Fotografia 22.** Aluno escutando e competindo com atletas do clube.



Fonte: Imagem do autor.



Nesse dia choveu muito. No início, tentamos nos abrigar, mas logo alguns estudantes quiseram continuar as atividades mesmo sob a chuva. Os/as estudantes relataram que todas essas condições, tornaram a experiência ainda mais prazerosa.

**Fotografia 23.** Alunos na pista de atletismo.



Fonte: Imagem do autor.

Pudemos conhecer atletas paralímpicos de diferentes provas e categorias. Conversamos com as pessoas do clube, o técnico Benílson demonstrou os gestos, explicou algumas regras e normas de segurança. Conseguimos vivenciar várias provas.

Como estávamos próximos ao término do ano letivo, pouco conseguimos avaliar da última visita pedagógica. Ficamos apenas com o que conversamos no ônibus enquanto voltávamos, encharcados, à escola. Pensando bem... estávamos cientes das aprendizagens, das interações, das experiências vivenciadas e de que tudo isso, mesmo que quiséssemos, não caberia nas nossas explicações. De tal modo, finalizamos a tematização do atletismo, sem muitas despedidas, provavelmente, compreendendo-o melhor, no plural – atletismos, a partir de sua multiplicidade de formas.